



## **AFU - Agrofloresta da Urca: uma experiência de conexão**

FONTEL, Breno Brito<sup>1</sup>; ARRUDA JUNIOR, Elias Ribeiro de<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Coletivo Agrofloresta da Urca (AFU), agrofloresta@urca@gmail.com; <sup>2</sup> LabPERMA (Laboratório de Permacultura) – UFF (Universidade Federal Fluminense), eliasarruda@id.uff.br

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

#### **Eixo Temático: Agriculturas Urbanas**

#### **Apresentação e Contextualização da experiência**

A experiência aqui relatada, brotou de várias sementes plantadas no berço da sustentabilidade e regeneração, não só do meio ambiente, mas também das relações entre pessoas de classes socioeconômicas diferentes. Essa inquietação socioambiental vinda de vários moradores do bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro prosperou numa grande sinergia que culminou na formação espontânea do coletivo AFU (Agrofloresta da Urca), formado por moradores, famílias, pessoas de várias idades, desde crianças até anciões e anciões de vasta experiência, universitários e pessoas em situação de rua. Essas ideias e iniciativas pontuais vinham acontecendo há algum tempo no território Urca, quando em dezembro de 2017 aconteceu o primeiro esforço coletivo num mutirão com mais de 40 pessoas para intervir na primeira área adotada pelo coletivo, uma área abandonada, cheia de entulhos de obra, mato e lixo no estacionamento do antigo Cassino da Urca/TV Tupi. A partir desse momento histórico e único no bairro, o coletivo segue até o momento atual com iniciativas constantes no sentido de transformar espaços abandonados e degradados em ambientes ecologicamente favoráveis a encontros coletivos, democráticos e de troca de saberes, experiências e culturas, além da promoção de educação socioambiental.

A Urca é um bairro bastante arborizado, com alguns remanescentes de Mata Atlântica, muitas edificações com jardins ornamentais, mas também apresenta locais onde os cuidados não estão tão presentes e com potencial para o cultivo de alimentos, jardins comestíveis e medicinais e plantio de espécies nativas. A partir dessa primeira iniciativa em dezembro de 2017, nesses últimos 6 anos o coletivo AFU vem transformando lugares e promovendo a conexão entre pessoas e natureza através de encontros, mutirões e principalmente pela poderosa ferramenta da educação ambiental. As experiências vivenciadas pelo coletivo estão pautadas na Agroecologia e nos princípios da Permacultura. Os manejos agrofloretais seguem a lógica da agricultura sintrópica praticada por Ernst Götsch, disseminada por todo o Brasil e pelo mundo.

#### **Desenvolvimento da experiência**

Como já mencionado a AFU inicia suas atividades como coletivo em dezembro de 2017 com a recuperação de uma área degradada de aproximadamente 60m<sup>2</sup> no estacionamento do antigo Cassino da Urca/TV Tupi, transformando esse espaço de



acúmulo de lixo, insetos, ratos, baratas e animais peçonhentos, num espaço de convivência harmoniosa entre várias classes sociais, com uma agrofloresta produtiva, composteira, banheiro seco e local agradável para encontros e trocas de experiências e saberes.

Completando um ano nesse espaço foi promovido um evento nas redes sociais para convidar a comunidade para a primeira Feira EcoCultural da AFU em 2018. Este evento teve como objetivo não só promover e disseminar o conceito de agroecologia, agroflorestas e permacultura na realidade urbana, mas também realizar o encontro de projetos, pessoas e produtos que se complementam num estilo de vida mais saudável, sustentável e regenerativo. Algumas atividades realizadas: Mutirão de atividades na agrofloresta; Transplante de frutíferas para o Zigue-Zague (escadaria com canteiros integrados, porém abandonados, em que também a AFU começou cultivar agrofloresta); Construção do banheiro seco; Limpeza de praia e remada na Praia da urca com os projetos Stand UPET; Nauta Empresa Júnior de Oceanografia e Consultoria Ambiental da UERJ; e Stone House; Aula de artesanato; Bazar de doações/trocas de roupas (traga as que quiser doar); Prática de Yoga; Conversa, confraternização e música, todas atividades gratuitas. Além disso, foi realizada uma colheita de frutos e receitas com PANCS (plantas alimentícias não convencionais) para alimentação e degustação dos convidados. A Biblioteca Comunitária da Urca também esteve presente para expandir os horizontes e disseminar a ideia da troca de saberes através dos livros parados nas estantes.

O espaço ignorado pela ordem pública era ativamente usado pela população em situação de rua e por banhistas que não encontravam banheiro público nos arredores, usando a mata como banheiro. Fezes humanas eram frequentemente encontradas nos fundos do terreno, de maneira desordenada e com riscos à saúde. Mesmo com a ocupação permacultural as fezes continuaram aparecendo e foi necessário pensar numa forma de saneamento simples, barato e ecológico para o local: o banheiro seco. Por ser uma forma de saneamento pouco disseminada em meio urbano, a maioria das pessoas desconheciam sua forma de uso. Logo se percebeu que uma placa informativa não é muito efetiva (muitos não sabem ler) e foi necessário implementar uma rotina de diálogos de explicação e demonstração do uso do banheiro seco para as pessoas em situação de rua e banhistas que frequentam o território. Os recipientes para a decomposição das fezes são barris de plástico de 200 litros, 8 barris foram utilizados no total da experiência, onde o composto gerado serviu de adubação para os canteiros do bairro. Tornou-se raro encontrar fezes desordenadas no espaço e viu-se os próprios moradores sem teto, mais antigos no projeto, ensinando como se usa o banheiro aos recém chegados.

A partir de então, com um ambiente mais ordenado, seguro e produtivo, o coletivo passou a fazer mais chamadas de mutirões de plantio com as crianças do bairro. Percebendo esse potencial de ensino e troca foi feita uma parceria entre a Escola Municipal Estácio de Sá e a AgroFloresta da Urca (AFU) e o Projeto Stand UPET, este último é um projeto de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Essa parceria teve como objetivo a construção de conceitos e práticas



ambientalmente adequadas a partir de aulas ministradas em ambiente escolar e em campo com alunos do ensino fundamental da rede pública municipal. Dentre as ações do Stand UPET em 2019, com as turmas dos 4º e 7º ano, a equipe AFU articulou a construção da horta agroecológica em caixotes na escola, com uma aula prática nos espaços comunitários da TV Tupi e do Zigue-Zague e seus processos sintrópicos, como compostagem, banheiro seco, plantio agroflorestal, PANCs e ervas medicinais. Toda a terra usada nos 15 caixotes da horta construída na escola derivou da compostagem realizada nas leiras da AFU. O questionário aplicado pelo projeto revelou que para algumas crianças era a primeira vez que plantavam.

Após o êxito dessa troca, em dezembro de 2019, um grupo de pais da região organizou uma interação entre crianças da Urca e do Complexo da Maré, em uma parceria também com o Stand UPET e o Projeto BG500, este último atua através da educação socioambiental no resgate de fauna e limpeza da Praia da Urca. Assim as crianças tiveram um dia de remada no mar (Stand UPET), aula prática de interação com a fauna marinha (BG500) e manejo de plantio agroflorestal (AFU). No final de semana seguinte ocorreu a segunda Feira EcoCultural, reunindo mais de 50 pessoas nas oficinas, rodas de conversa e para comemorar os 2 anos da AFU.

O desenvolvimento das atividades socioambientais realizadas no espaço da antiga TV Tupi passou a contar com a participação cada vez maior, não só de moradores com teto, mas principalmente dos moradores sem teto, durante a pandemia de 2020. As pessoas em situação de rua contribuíram na conservação, limpeza, reciclagem, plantação, artes e desenvolvimento do espaço através das suas habilidades prévias e das novas, que adquiriram com o apoio do grupo. Assim gerou-se uma conversa com os princípios do coletivo e produção de renda, tendo como frentes: (1) Compostagem e produção de terra adubada; (2) Produção e adoção de mudas, desde hortaliças, frutíferas e ornamentais; (3) Peças e esculturas de madeira com as podas do bairro. Em cada uma dessas frentes existia sempre uma pessoa que gerenciava os recursos e usava um caderno de anotações com as saídas e entradas financeiras. Uma vez por semana eram realizadas reuniões para alinhar os ganhos e custos, desabafar o que não estava bom, elogiar o que deu certo e próximas metas, mediando a cada um tempo de fala e implementando decisões democráticas e coletivas.

Da parte dos moradores com teto para com os moradores sem teto forneceu-se um apoio psicológico, organizacional e de rede, conectando as habilidades prévias com novas oportunidades e demandas. Seria possível se reerguer da situação de rua até o aluguel de uma casa? Aconteceu com um dos integrantes do projeto, alugou teto na comunidade do Dona Marta, a partir da compostagem e serviços de jardinagem. Dos moradores sem teto aos moradores com teto está a troca de experiências de vida, desde conhecimentos agrícolas, medicinais, manuais, artesanais a diversos serviços que dominam, além do cuidar do bairro a partir do reflorestamento, da arte e da reciclagem.



Para ser breve será resumido o que aconteceu até o presente: Os canteiros da escadaria do Zigue-Zague estão praticamente todos agroflorestados, com 2 leiras de compostagem. São gratuitamente colhidos frutos como mamão, quatro tipos de banana, PANCS como ora pro nobis e chaya, além de muitos outros espécimes.

Grupos de crianças e adultos são frequentemente trazidos para aulas e mutirões. O primeiro espaço ocupado pelo coletivo AFU, ao lado da antiga ruína da TV Tupi/Cassino da Urca, foi concedido à Escola Eleva e teve fim a jornada da AFU nesse território com a revitalização da ruína. Mas não sem resgatar 4 toneladas de terra preta produzidas em 4 anos de agroecologia, principalmente a partir da coleta de matéria orgânica descartada como lixo nas ruas do bairro. O resgate de terra, sementes e mudas, ocorreu ao longo de 1 ano, com sucessivos mutirões, manejos e celebrações, afinal a semente social plantada ali se dispersou para outras terras. A escadaria do Ziguezague, Escola Estácio de Sá, Praça Guilherme de Oliveira Figueiredo e Praça Félix Laranjeiras são locais onde se encontram pés e mãos do Coletivo AFU atualmente.

A Praça Guilherme de Oliveira Figueiredo começou a ser cultivada em abril de 2021, em parceria com a UNIRIO. A universidade é também adotante da praça segundo o programa Adote RIO, da Prefeitura do Rio. O projeto de cultivo foi apresentado ao conselho da UNIRIO e foi devidamente aceito. Hoje alunos e professores da instituição participam das articulações agroecológicas nessa praça e na Escola Municipal Estácio de Sá, principalmente através do PIBID. Essa parceria com o Coletivo AFU permitiu iniciar mais um projeto na escola: compostagem dos resíduos orgânicos do refeitório. Isso ocorreu em maio de 2023 com cinco leiras construídas e preenchidas. Escalas de manejo das composteiras ocorrem 4 dias por semana entre alunos do PIBID e membros da AFU. As turmas da escola são frequentemente levadas ao espaço onde aprendem sobre compostagem e agrofloresta. Esta última, iniciada em caixotes, ganhou a terra, após retirada da laje antiga e abandonada nos fundos da escola.

A Praça Félix Laranjeiras foi adotada por outro membro da AFU e morador da Urca, segundo a análise e aprovação do programa Adote Rio. Assim se iniciou o cultivo agroflorestal nesse espaço em 2022.

Estima-se que as ações realizadas pelo coletivo já tenham impactado 2.000 pessoas, direta e indiretamente. Mais de 50 instituições, como escolas, projetos sociais, empresas e universidades foram conectadas para realização de atividades. Dezenas de casas do bairro contrataram os serviços do coletivo para atividades agroecológicas. Dezenas de Agroflorestas Comunitárias e Urbanas do Estado do RJ foram visitadas em dinâmica de mutirões em ciranda.

Vale salientar que as ações promovidas pela AFU têm um público bastante diverso, com participação de crianças, jovens, mulheres, famílias, anciãos e anciãs e moradores em situação de rua.





## **Desafios**

O maior desafio encontrado é a transformação coletiva da espécie humana no sentido de que cada indivíduo se sinta parte da natureza e não um ser superior com direitos de usurpá-la para o seu próprio crescimento e bem estar e, mais importante ainda, que cada cidadão olhe para o seu semelhante com o amor e respeito merecido por todos, independentemente das oportunidades que cada um teve na sua trajetória. Essas seriam premissas básicas e fundamentais para a tão almejada “qualidade de vida”.

Desafios mais específicos surgiram e continuarão surgindo ao longo de toda a trajetória desse coletivo. Como a AFU é um coletivo que não conta com patrocínio e nenhuma fonte de renda, a compra de ferramentas, insumos e outros materiais é uma tarefa difícil. Mas talvez a maior dificuldade enfrentada foi por conta do preconceito de alguns moradores do bairro quanto à conexão com as pessoas em situação de rua. Até o momento em que a AFU tratava apenas das questões voltadas ao meio ambiente a aceitação era total, mas a partir do momento em que surgiu um processo natural de acolhimento dessas pessoas em situação de rua, começaram as reclamações e ações contrárias ao movimento por parte de alguns vizinhos incomodados com a presença dessas pessoas.

O enfrentamento a esses desafios se deu de forma bastante amorosa, buscando o diálogo no sentido de mostrar a esses moradores incomodados que essas pessoas tinham grande valor, cada um na sua especificidade e que estavam contribuindo significativamente na manutenção daqueles espaços, cumprindo com muita dignidade seus papéis diante da sociedade. Foi necessário também a redação de documentos com justificativas a órgãos do poder público e sociedade organizada, com anexo de abaixo-assinados dos moradores com 700 assinaturas presenciais e cartas de apoio de instituições, mostrando a importância das ações realizadas e das melhorias tanto no aspecto ambiental como social nesse território. Essas ações sempre foram articuladas de forma coletiva pelos membros da AFU.

## **Principais resultados alcançados**

O principal resultado do coletivo nesses últimos anos foi promover a reconexão de várias pessoas em situação de rua com a sociedade, a partir de encontros e troca de saberes entre pessoas vindas de diferentes extratos sociais, mostrando que esse convívio e conexão não só é saudável como é totalmente possível. Algumas dessas pessoas que passavam momentos sem perspectivas, passaram a valorizar novamente a vida e o convívio social, resultado da interação provocada pelos princípios da agroecologia e da permacultura em contexto urbano.

Além desse resultado social, a AFU já promoveu a restauração de vários ambientes no bairro da Urca: espaço comunitário da TupiAFU (estacionamento do antigo Cassino da Urca/TV Tupi); Espaço comunitário do Zigue-Zague (agrofloresta e compostagem no espaço natural que liga a rua São Sebastião a Rua Roquete Pinto); Horta e compostagem da Escola Estácio de Sá (situada na Fortaleza de São



João); Espaço comunitário e agrofloresta da praça Guilherme de Oliveira Figueiredo (em frente a universidade Unirio); e jardim agroflorestal da Praça Felix Laranjeiras na Rua Osório de Almeida. Além desses espaços adotados de forma permanente pela AFU, outras iniciativas pontuais de regeneração de espaços de canteiros em frente de prédios e casas e espaços públicos são realizadas pelo coletivo, além de ideias e projetos de adoção de outras áreas no bairro. A AFU também participa em mutirões e iniciativas de outros coletivos com o mesmo ideal.

### **Disseminação da experiência**

As experiências proporcionadas pelo coletivo AFU tem despertado o interesse de várias pessoas, famílias, jovens e crianças e tem impactado com mudanças no estilo de vida de muita gente. Cada um num estágio da floresta social, desde os membros mais antigos do coletivo, em que alguns já vivem da agroecologia na cidade, gerando renda até a polinização de outras pessoas que começam a despertar para os princípios da permacultura como parte fundamental da vida.

Os informes sobre as atividades que irão acontecer, convocação para mutirões, resultados de cada ação, bem como temas pertinentes ao grupo são disseminados através das redes sociais da AFU: grupo fechado no Whatsapp com membros e apoiadores do projeto, através do Instagram @agroflorestaurca; pelo Facebook Agrofloresta da Urca e canal do Youtube @agroflorestadaurca.

Escolas, universidades e várias pessoas solicitam visitação e realização de manejos nos ambientes em transformação pelo coletivo. Isso mostra que os resultados vão além do que pode ser visto nos ambientes trabalhados e que sozinhos somos pequenos, mas juntos somos gigantes e fortes e com um poder transformador incrível.